

A INFLUÊNCIA DAS MÍDIAS SOCIAIS NA SUBJETIVIDADE FEMININA

Pollyana Eugênia Ferreira¹

Thalynne De Almeida Bontempo²

Helena Borges Ferreira (Orientadora)³

Resumo

O presente artigo tem como objetivo descrever a importância das mídias sociais e os fatores que influenciam na subjetividade feminina. Para isso, foi necessário identificar o conceito de subjetividade e a sua relação com a psicologia. Mediante isso, verificou-se a noção e a complexidade das diferentes perspectivas encontradas nas abordagens psicológicas. A subjetividade, está relacionada com a forma que nos constituímos ao longo da vida, interagindo, agindo e transformando nosso meio social. De forma bem preliminar, o artigo nos proporcionou a noção de subjetividade e como ela nos coloca em uma relação com o mundo, mostrando que nos dias atuais, está entrelaçada as novas tecnologias, visto que tal fenômeno ganhou grande relevância. Nesse artigo trouxemos a origem das mídias sociais e como ela começou a interferir na subjetividade da feminina desde o início, e a relação de como as mulheres se enxergam a partir do conteúdo que é entregue a elas pelos meios digitais e o quanto isso traz prejuízos na autoestima.

Palavras-chave: mulher, subjetividade, mídias sociais e autoestima.

Abstract

Uma tradução ao Inglês do resumo feito acima.

Keywords: Tradução das palavras-chave.

Introdução

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade de Uberaba. E-mail: pollyana_psico@edu.uniube.br

² Graduanda em Psicologia pela Universidade de Uberaba. E-mail: thalynnebontempo@edu.uniube.br

³ Orientadora, docente da Universidade de Uberaba. E-mail: helena.borges@uniube.br

A subjetividade abrange as particularidades de SER do sujeito, envolve as capacidades sensoriais, afetivas, imaginárias e racionais de um indivíduo. De acordo com dicionário Significados

subjetividade é o caráter do que é subjetivo; adj. Que diz respeito ao sujeito. /Que se passa no íntimo do sujeito pensante (por opôs. a objetivo, que diz respeito ao objeto pensado). / Que varia de acordo com o julgamento, os sentimentos, os hábitos etc. de cada um; individual (...).

Junto ao cotidiano, as redes sociais se tornaram uma forma de socialização nos dias atuais. Representada por diferentes sistemas, elas possibilitam a expressão de ideias, sentimentos, preferências, manifestos, imagens, vídeos, entre outros. Sem a extinção dos espaços geográficos, as redes sociais se tornaram uma espécie de palco onde os indivíduos relatam experiências de suas vidas pessoais, dessa forma, a subjetividade passou a ser vista nas postagens, comentários e compartilhamentos.

Devido à grande repercussão que se tem observado mediante o conceito de subjetividade e a importância que as redes sociais têm hoje, é essencial discutir a relação entre os dois conceitos: a influência das mídias sociais na subjetividade feminina.

Desta forma, este trabalho tem como objetivo geral descrever a influência das mídias sociais e os fatores que influenciam na subjetividade, evidenciando a relação da psicologia com este novo cenário em que vivemos.

1. O que é subjetividade

Quando pensamos em subjetividade, estamos falando sobre o jeito individual, ou próprio de cada indivíduo. Para a psicologia, a subjetividade humana pode ser entendida como uma espécie de julgamento e opinião que cada sujeito tem sobre diferentes tipos de assuntos. A forma como enxergamos as coisas ao nosso redor, tiramos nossas conclusões, expressamos nosso ponto de vista sobre o mundo influenciados pela cultura, pelo meio em que estamos inseridos e pela forma com que nos relacionamos com o mundo, nos ajudam a construir essa subjetividade (HABERMAS, 2002, p. 26).

Porém, é importante destacar que apesar do ser humano ser de uma mesma espécie, cada sujeito pensa e age de modo único, e é através da nossa subjetividade que conseguimos estabelecer contato com outro. Este contato faz com

que cada sujeito ocupe seu espaço dentro da nossa sociedade. Irmãos gêmeos por exemplo, apesar de terem sido gerados na mesma placenta não são iguais. Cada um vai construir sua subjetividade de acordo com as diferentes vivências que terão ao longo de suas vidas. Vão aprender que mesmo sendo criados juntos, tendo os mesmos pais, ao longo da vida frequentando a mesma escola, a forma de enxergar o mundo não vai ser igual. Os gêmeos irão extrair do mundo experiências distintas que formaram no final a subjetividade única e distintas de cada um (FACCI, 2004).

Portanto, pode-se inferir que duas pessoas podem ter opiniões diferentes sobre um mesmo sabor de suco, e por esse mesmo motivo entrar em discordância sobre um mesmo tema em uma conversa política, religiosa entre outros.

1.1 Subjetividade para psicologia

Para entendermos a subjetividade como objeto de estudo de diferentes saberes, é preciso voltar nosso olhar para a modernidade, período que é favorável para o surgimento deste conceito. Considerada como um processo complexo, a modernidade traz para os diferentes povos, conceitos que até então muitos não entendiam, apresenta noções de tempo e espaço e reformas religiosas. Até mesmo o capitalismo contribuiu para o surgimento deste processo histórico. Com o surgimento do novo modelo de sociedade, o indivíduo começa a entender e a voltar seu olhar para si mesmo, fazendo com que nasça sua individualidade que até então não era exercida. Esta forma de voltar o olhar para si mesmo, e começar a viver sua vida de maneira única, pode ser chamado como subjetividade (HABERMAS, 2002, p. 26).

A psicologia começa a se constituir como ciência na modernidade, a partir do novo olhar que os sujeitos apresentam sobre sua individualidade. No ocidente europeu, o pensamento evolucionista e adaptação ao meio ambiente onde estavam inseridos, fez com que a psicologia e as ciências sociais voltassem os estudos para o social. Outro ponto que merece destaque é a discussão sobre mente e corpo. Muitos filósofos acreditavam que a mente e o corpo eram conteúdos distintos, e com a modernidade, a biologia evolucionista abriu espaço para discussão sobre o tema (CARVALHO, 2009).

Nos EUA, a psicologia fundamenta seu estudo na consciência e evolução da espécie humana, e a partir disso, começa a enxergar a subjetividade como um

processo de construção histórico e social na civilização (CARDOSO & MISSIMI, 2013).

No final do século XIX, na Alemanha, W. Wundt e seu laboratório de psicologia proporcionam o estudo experimental da psicologia em uma formação acadêmica. É através dessa psicologia que a noção de subjetividade constrói um homem movido pela individualidade, pela intimidade e isolamento social, pela disciplina e controle social. O século XIX, realiza modificações laboratoriais, industriais e nas instituições sociais (CARVALHO, 2009).

O olhar da psicologia sobre a subjetividade a partir de referências históricas, sem dúvida alguma contribuíram para a construção das teorias e metodologias que hoje são aplicadas em nossa sociedade.

1.2 O que é subjetividade para as diferentes teorias

Lev Vygotsky, psicólogo bielorrusso descreve o sujeito como um ser capaz de compreender seu espaço relacional, e sua capacidade de se planejar, pensar, raciocinar, entre outras funções características para viver em sociedade. Para Vygotsky (1993), o sujeito age de acordo com suas primeiras interações sociais aprendidas na infância com sua família. Para ele, a subjetividade nasce com as interações sociais e está ligada às condições concretas de vida. A subjetividade vai se constituir de acordo com a forma individual que cada um se percebe mediante o outro.

Sigmund Freud, médico neurologista e criador da psicanálise, através de seus procedimentos foi capaz de captar e revelar a relação do indivíduo com a sociedade, e entre objetividade e subjetividade. Freud parte dos processos psíquicos e culturais que são considerados condições universais para o desenvolvimento humano. Ele compreende que tanto os fatores externos como internos, atuam no mesmo sentido. Freud ao lançar as bases psicanalíticas, mostra a dominância do inconsciente. Na psicanálise o autoconhecimento e a busca pela verdade interior são chamados de subjetividade (FREUD, 1978, p. 190).

B.F Skinner, psicólogo e filósofo norte americano, foi o criador do behaviorismo radical. Diferente de Freud, Skinner postula a subjetividade como um evento privado, onde só poderia ser acessado através do comportamento verbal dos indivíduos. Porém, esse comportamento verbal não é confiável por ser aprendido dentro das relações sociais (LA ROSA, 2003).

Abraham Maslow, psicólogo americano criador da teoria humanista, se opunha à psicanálise e ao behaviorismo radical. Para ele, as duas teorias consideravam o sujeito como um simples objeto, esquecendo de sua totalidade. Maslow, acredita que o sujeito não é definido por mecanismos psíquicos internos e externos, mas sim pelo livre arbítrio, que seria constituído por autodeterminação e vontade própria (WOOD, 1994).

Jacob Levy Moreno, médico romeno que viveu nos estados unidos, foi criador da socionomia e da terapia em grupo. A socionomia é uma ciência que estuda o desenvolvimento das relações. O psicodrama, é uma ramificação da socionomia. Esta teoria investiga a subjetividade do indivíduo por meio da ação ou encenação. Seu foco é o individual e o coletivo, assim como o vínculo e relações. (FEBRAP, 2018).

1.3 Como se constrói a subjetividade

O desenvolvimento do homem é, portanto, um processo histórico e social, visto que "o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém de sua vida em sociedade, no seio da cultura criada pela humanidade" (LEONTIEV, 1978/2004, p. 279). O homem somente se humaniza quando pega para si conhecimentos construídos pela humanidade ao longo de anos e do desenvolvimento sócio-histórico, apropria-se da cultura do ambiente em que está inserido e a partir disso cada indivíduo aprende a se tornar homem. (LEONTIEV, 1978/2004, p. 285).

"O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe ainda preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana" (LEONTIEV, 1978/2004, p. 285, grifo do autor).

Vimos nos tópicos anteriores que a subjetividade é formada na relação do sujeito com o outro, processo mediado pela linguagem e pelo contexto histórico-cultural. O psiquismo se desenvolve pela assimilação de signos e significados, que, por sua vez, são erguidos socialmente nas relações entre os homens.

Para se analisar a construção da subjetividade é necessário olhar para o momento histórico – cultural e entender que o desenvolvimento da humanidade não pode ser transmitido através da hereditariedade. Nós seres humanos, não somos todos iguais, e as diferenças existentes não se fundamentam somente no corporal ou biológico.

Dessa forma, o indivíduo desenvolve as características discriminadamente humanas à proporção que internaliza o trabalho social, o modo de pensar e agir enraizado na sociedade na qual está inserido. Sem o processo de passagem de conhecimentos e de comunicação, seria impossível a continuidade do processo histórico, visto que as gerações seguintes não teriam acesso ao desenvolvimento histórico-cultural da humanidade, para darem continuidade no ciclo.

A maneira que percebemos o mundo a nossa volta e interagimos com ele forma nossa subjetividade, então desde o nascimento, e ao longo da vida somos marcados pelas vivências de mundo. Essa formação é única e nos diferencia dos demais, pois cada um irá perceber e extrair dessa relação experiências distintas.

2. Diferenças entre subjetividade feminina e masculina

Para entender as diferenças no processo de subjetivação entre mulheres e homens, é preciso observar as singularidades existentes neste processo. As incidências sociais sobre um e outro os diferem em função do gênero.

Freud (1905) traz a importância do Édipo e dos processos de identificação decorrentes para a construção da subjetividade masculina, período em que o menino se vê fálico. Para Freud, a masculinidade estaria ligada ao abandono da mãe que representaria o objeto de incesto, assim como a castração e a identificação com modelos masculinos. Esses modelos seriam espelhos que ao longo da vida construiriam o sentimento de masculinidade que será organizado na puberdade com o fim do período de latência da sexualidade.

Já a subjetividade feminina na percepção freudiana (1905) está envolvida pelo complexo de Édipo, período que traz a sensação de inferioridade e imperfeição. Essa construção feminina estaria ligada a questões de cultura, política, estrutura social e econômica, o que acabou promovendo a subjetividade feminina baseada em submissão e servidão.

A abertura para o mercado de trabalho e as lutas sociais em prol da emancipação feminina, trouxe ressignificações do seu papel perante a sociedade. A mulher sai do contexto pacífico e passa a atuar de forma ativa em todas as áreas possíveis.

2.1 Construção da subjetividade feminina

Segundo Alves e Pitanguy, 1991, até meados do século XIX a vida da mulher era administrada conforme os interesses masculinos, sendo envolta por uma aura de

castidade e de resignação, pois devia procriar e obedecer às ordens do pai ou do marido. Por conta de lutas e de reivindicações de igualdade de direitos com relação ao gênero masculino - por exemplo, com o movimento feminista - a mulher conquistou seu espaço na sociedade, obtendo o direito de votar e de trabalhar fora do lar. Mas as opiniões sobre a subjetividade e do corpo feminino também acompanharam as alterações políticas, econômicas, históricas e socioculturais, pois, no período patriarcal, a mulher tinha funções voltadas, prioritariamente, para a reprodução e era intensamente submetida ao poder masculino. Com a aparição do capitalismo, a mulher passou a ter não apenas funções reprodutoras, mas assumiu, também, tarefas produtoras de força de trabalho como resultado do maior espaço conquistado na sociedade. (Apud Boris e Cesídio, 2007 pag. 453 - Revista Mal-estar e Subjetividade – Fortaleza – Vol. VII – Nº 2 – p. 451-478 – set/2007).

Ainda de acordo com (ALVES E PITANGUY, 1991) podemos perceber que o corpo e a subjetividade são construídos historicamente, ou seja, cada sociedade tem seu modelo de corpo e cada época tem seu modo particular de representá-lo. Este processo de composição do corpo e da subjetividade da mulher, ou seja, a maneira como ela organiza seu modo de existir no mundo e as relações com os outros também foi influenciada pelas reformas econômicas, políticas, históricas e socioculturais. É a interatividade do indivíduo com os outros e com o mundo, em um determinado período histórico, a principal responsável pela organização de seus padrões de conduta e de suas reações emocionais e racionais.

Andrade e Bosi (2017) salientam que a mulher conquistou seu espaço no mercado de trabalho através da inserção profissional, legitimou sua emancipação com relação ao homem, podendo obter sua própria fonte de renda. Boris e Cesídio (2007, p. 462) esclarecem que: Esta nova forma de existir passou a valorizar a estética do corpo e a independência financeira e profissional da mulher, o que contribui para a construção de uma nova subjetividade feminina.

Diante das mudanças do corpo da mulher, ainda hoje existem traços da cultura conservador do patriarcado, onde o homem é o chefe que exerce sua autoridade e a mulher deve cumprir a função de mãe e dona de casa, mesmo que tenha ocorrido uma maior conscientização em relação à sua independência. Para Fischer (2015), a família e a Igreja ainda tentam impor o que é certo e o que é errado, apontando o que é considerado bom comportamento e o que é inaceitável para uma moça e ressaltou o valor especial atribuído ao casamento e à obediência a

padrões e a valores de moralidade estabelecidos e mantidos durante diversas gerações.

É a cultura que modela os indivíduos (FISCHER 2015), criando modos de existir de acordo com os valores e as crenças da época. Embora, na atualidade, a mulher viva melhor o seu presente e tenha pretensões em relação ao seu futuro, uma parte das mulheres ainda, mesmo que inconscientemente se adequa aos conceitos patriarcais.

Para Andrade e Bossi (2003) tais transformações socioculturais e históricas, mesmo que, na contemporaneidade, permaneça, em parte, a ideia de que a mulher é um ser frágil, que necessita ser protegida e que assuma funções de procriar e cuidar de seus filhos, ela se mostra em construção e busca realizar suas potencialidades, sendo capaz de crescer profissionalmente e de assumir os papéis de mãe e de dona-de-casa, ou seja, de assumir diversos papéis, além de se sentir bonita para si mesma e na relação com o homem. Tais transformações, ao longo da história, permitiram que a mulher adquirisse novas experiências concretas na sociedade.

3. O impacto das mídias sociais na vida da mulher

O termo mídia se refere aos meios de comunicação no geral, e é conhecido por exercer grande influência sobre as pessoas. Está vinculado a processos de produção, circulação e recepção de mensagens. A mídia nos dias atuais engloba veículos de notícias, publicidade, produção de filmes, novelas e minisséries. Seu maior destaque, no entanto, é no campo virtual, com foco na internet. (Silveira, 2004).

No Brasil, além das mídias sociais, as telenovelas exercem grande influência nas diferentes camadas sociais do país. Essas influências, ampliam as percepções que a sociedade tem sobre diversos temas polêmicos como: distúrbios alimentares, doenças psíquicas, homossexualidade, adoção, entre outros. O objetivo principal das telenovelas ao tratar desses assuntos, é apresentar aos telespectadores as diferentes realidades existentes em nosso país.

Além de informar os telespectadores, as telenovelas oferecem grande influência no modo de vestir, de se comportar e de se relacionar. As propagandas, alimentam a sociedade a consumir, objetivam uma manipulação direta. A mídia televisiva, demonstra grande poder em nos influenciar, mas vale ressaltar que a

nova mídia, a que nos conecta através da internet, exerce impactos ainda maiores e mais eficientes na subjetividade.

Andrade e Bossi (2003), definem a influência das mídias sociais no comportamento feminino como

O ideal de corpo perfeito preconizado pela nossa sociedade e veiculado pela mídia leva as mulheres, sobretudo na faixa adolescente, a uma insatisfação crônica com seus corpos, ora se odiando por alguns quilos a mais, ora adotando dietas altamente restritivas e exercícios físicos extenuantes como forma de compensar as calorias ingeridas a mais, na tentativa de corresponder ao modelo cultural vigente.

A maneira em que as Mídias Sociais ditam sobre padrões de beleza na sociedade atual tem tomado grande proporção e isso tem influenciado as mulheres na sua construção da imagem corporal e afetado diretamente a autoestima quando o corpo idealizado não é alcançado. Com base nas pesquisas e nos estudos realizados, podemos dizer que, segundo Moreira (2010), a mídia está relacionada aos recursos de comunicação de modo geral, que envolve extensa população, contendo os grandes meios com renomada atuação a respeito das pessoas. E está ligado às maneiras de produção, giro e entrada de informação.

Freyre (1987) sugeria que as modas e os modismos não diziam respeito apenas às roupas ou penteados, mas também poderiam se tornar modas de pensar, de sentir, de crer, de imaginar e assim, subjetivas, influírem sobre as demais modas. Ele apontou os excessos cometidos pelas brasileiras mais inclinadas a seguir as modas, especialmente "as menos jovens, para as quais, modas sempre novas surgiriam como suas aliadas contra o envelhecimento" (Freyre, 1987: 25). Gilberto Freyre, duas décadas atrás, admitia que várias novidades no setor de modas de mulher tendem a corresponder a "esse desejo da parte das senhoras menos jovens: o de rejuvenescerem" (Freyre, 1987: 25). E a verdade, dizia ele, é que há sempre modas novas que concorrem para o rejuvenescimento de tais aparências, favorecido notavelmente por cosméticos, tinturas e cirurgias plásticas.

No século XX é que o sonho da beleza única passa a ter a necessidade de se adaptar a cada indivíduo e ceder lugar às belezas singulares. É nessa época que tem início a moda da mulher magra e a obsessão pelo emagrecimento. É nessa fase também que o esporte é introduzido, sendo o mesmo responsável por tanta mudança estética. Termos como: cirurgia plástica, botox, cosméticos e os produtos e

industrias de beleza, passam a fazer parte do cotidiano. Os recursos para a melhoria do rosto e do corpo são estimulados através de técnicas cirúrgicas.

“Muda a forma do corpo feminino, que passa da sinuosidade de um S para a magreza e postura de um L” (MORENO 2008).

Segundo Oliveira e Hutz (2010), devido a insatisfação entre as mulheres com relação ao seu corpo, são tomadas determinadas ações arriscadas, como a realização de dietas sem orientação de um nutricionista, atividades físicas exageradas, utilização de medicamentos como diuréticos, laxantes e anorexígenos e a indução do vômito que podem desencadear transtornos.

Dentre as mídias audiovisuais, que são aquelas onde se utiliza um conjunto de elementos sonoros e visuais, ou seja, pode-se ver e ouvir ao mesmo tempo, a que se destaca é a televisão.

De acordo com Santos (2008) “...em uma sociedade audiovisual o real é produzido pelas imagens geradas na mídia”.

A partir do que se vê e ouve nas mídias audiovisuais se cria uma necessidade de pertencimento aquele grupo, pois ele é apresentado como sendo o “normal” e tudo aquilo que se diferencia ou distância é tido como “incomum” e muitas vezes “feio”.

Moreno (2008) a busca por esses padrões foi, e tem sido até hoje, incentivada pela mídia. Esse imperativo moral da beleza imposta pela sociedade e pela mídia, de forma geral, provoca uma cobrança por um corpo ideal. Muitas vezes transformando-se em luta acirrada para conquistar a aparência tão valorizada. O corpo torna-se um capital e a mídia procura legitimar interesses relacionados à comercialização de produtos e serviços destinados à promoção e manutenção a boa forma física e a da beleza.

Padrões corporais que levam mulheres a depreciação por não estar adequada no modelo que é imposto, mantendo-as sempre em conflito com o espelho, confinadas nesse mundo que é estar sempre com o modelo corporal visto como belo pela sociedade (CURY, 2005)

4. Considerações Finais

A partir do que é a subjetividade feminina e como ela é construída e o que é a mídia social e como ela interfere na vida da mulher, podemos compreender as transformações que tiveram a subjetividade feminina e o corpo da mulher devido a

cultura que domina e reprime. Atualmente, a sociedade é quem dita as regras do que é bonito e feio, normal ou diferente, do que vai ser referência ou aquilo que será reprimido e ignorado. Com base nisso, as mídias sociais como meio de expor as regras, traz a vista os padrões que devem ser seguidos pelas mulheres, ou seja, dão ênfase no corpo magro, na pele branca, nas roupas de grife, nos cabelos lisos e logos, entre outros paradigmas.

Quando consomem desse conteúdo sem nenhum filtro, elas iniciam um conflito interno e com o próprio corpo, para alcançar esse padrão e quando não conseguem tem como consequência o adoecimento, crises de ansiedades, depressão, baixa autoestima, anorexia, bulimia entre outros.

Com base nas discussões e estudos sobre o tema, concluímos que a busca desenfreada para atingir os padrões de beleza tem sido uma das causas do adoecimento feminino, então a utilização das mídias sociais como transporte facilitou o consumo desses conteúdos pelas mulheres. É necessário desconstruir esses padrões e elevar a autoestima e trabalhar a autoaceitação das mulheres fazendo elas perceberem e entenderem que existem diversos tipos de corpos, jeitos e cabelos, entender a diversidade da mulher e enxergar em si a beleza.

5. Referências

ANDRADE, Â.; BOSSI, M. L. M. Mídia e subjetividade: Impacto no comportamento alimentar feminino. **Revista de Nutrição**, 16 (1), 117-125. Janeiro 2003.

AITA, Elis Bertozzi; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. Subjetividade: uma análise pautada na Psicologia histórico – cultural. **Psicol. Ver.** (Belo Horizonte) vol. 17 no.1 Belo Horizonte. Abril 2011. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000100005> Acesso em: 19 setembro, 2021.

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. O que é feminismo? **Coleção Primeiros Passos**. São Paulo: Brasiliense. 1991.

BORIS, Georges Daniel Janja Bloc; CESÍDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v7n2/12.pdf>> Acesso em: 28 novembro, 2021.

BRAZ, Marlene. **A Construção da subjetividade masculina e seu impacto sobre a saúde do homem: reflexão bioética sobre justiça distributiva.** Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/csc/a/Kv4kqWGRszjL5Zf6zQv9TZN/?lang=pt>> Acesso em: 07 novembro, 2021.

CARDOSO, C. de R.; MASSIMI, M. Fundamentação da psicologia enquanto ciência da subjetividade: contribuições da fenomenologia de Edith Stein. In: MAHFOUD, M., & MASSIMI, M. (Org.). **Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa.** (Cap. 2, pp.51-77). Belo Horizonte: Artesã.

CARVALHO, Cristianne Almeida; ALCÂNTARA, SANTANA, Ramon Luis De Santana. Psicologia e noções de subjetividade: história e problematizações descoloniais. **Revista Espaço Acadêmico.** N. 211. Dezembro 2018 – mensal. Disponível em:< <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/44990/751375138732>> Acesso em: 19 setembro, 2021.

CARVALHO, C. A. Psicologia e Esporte: um Olhar Fenomenológico para um Encontro Marcado pela Modernidade. **Revista da Abordagem Gestáltica–XV** (2): 149-156, jul.-dez, 2009.

CURY, A. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres.** São Paulo: Arqueiro, 2005.

DICIO. **Dicionário online de português.** Significado de Subjetividade. Disponível em:< <https://www.dicio.com.br/subjetividade/>> Acesso em: 25 de Outubro, 2022.

HABERMAS, J. Individuação através de socialização: Sobre a teoria da subjetividade de George Herbert Mead. In: HABERMAS, J. **Pensamento pós-metafísico.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2002.

FACCI, M. G. D. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?** Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do Construtivismo e da Psicologia Vigotskiana. Campinas: Autores Associados.

FREYRE, G. **Modos de homem, modas de mulher.** Rio de Janeiro: Record, 1987.

FEBRAP. Federação Brasileira de Psicodrama. O que é? **Revista Brasileira de Psicodrama**. ISSN 2318 – 0498. Disponível em:< <https://febrap.org.br/o-que-e/>> Acesso em: 4 outubro, 2021.

FEIJOO, Ana Maria Lopez Calvo De. A Crise da subjetividade e o desapontar das psicologias fenomenológicas. **Psicologia em estudo**, Maringá, v.16, n.3, p. 409-417, jul/set. Disponível em:< <https://www.scielo.br/j/pe/a/b9jyW5hk4pDkQ4t6h63Hrhb/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 4 outubro, 2021.

FERREIRA, A. A. L. O múltiplo surgimento da psicologia. In: JACÓ-VILELA. **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2004.

FERREIRA, Jane Mendes. NOGUEIRA, Eloy Eros Silva. **Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino**. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/rac/a/dZJhFMBsrcLmwjq46nP9CBd/?lang=pt#:~:text=Em%20outras%20palavras%2C%20a%20mulher,constituindo-se%20a%20par>> Acesso em: 7 novembro, 2021.

FISCHER, Rosa; BUENO, Maria. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, p. 586-599, 2015.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

FREUD, Sigmund. Sujeito, subjetividade e ciência em Freud e Lacan: Algumas considerações teóricas prévias a uma intercessão – pesquisa de campo da saúde mental coletiva. **Rev. Subj.** vol.14 no.3 Fortaleza dez. 2014. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692014000300006> Acesso em: 7 novembro, 2021.

JACO-VILELA, Ana Maria. Concepções de pessoa e emergência do indivíduo moderno. **Revista Interações**, vol.6, n. 12, p.11-40, 2008

LA ROSA, J. **Psicologia e Educação: o significado do aprender**. 7. ed. Porto Alegre: Edipucurs, 2003. Disponível em:<

<https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosauade/article/download/905/608/0>> Acesso em: 2 novembro, 2021.

LEONTIEV, Alexei. Leontiev, A. N. (1983). *Actividade, consciencia e personalidad.*

Habana: Pueblo e Educación.

MORENO, Rachel. *Beleza impossível - Mulher, mídia e consumo.* São Paulo: Editora Agora.2008.

MOREIRA, Jacqueline Oliveira De. *Mídia e psicologia: Considerações sobre a influência da internet na subjetividade.* **Psicol. Am. Lat. No.20.** México 2010.

Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000200009&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 20 setembro, 2022.

OLIVEIRA, L.L.; HUTZ, C.S. *Transtornos alimentares: o papel dos aspectos culturais no mundo contemporâneo.* **Psicologia em estudo.** v.15, n.3, p. 575-582, 2010.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n3/v15n3a15.pdf>>. Acesso em: 15 abril, 2020.

PESSOA, Patrícia Dos Santos. *A Subjetividade a partir de Vygotsky: uma aproximação com a linguagem.* **Centro Universitário FIEO.** Buenos Aires, 2015.

Disponível em:< <https://www.aacademica.org/000-015/434.pdf>> Acesso em: 4 outubro, 2021.

SANTOS, Helena Miranda dos. **A Construção da Imagem “Ideal” da Mulher na Mídia Contemporânea.** Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST39/Helena_Miranda_dos_Santos_39.pdf> . Acesso em: 26 setembro, 2022.

Silveira, M. D. P. (2004). *Efeitos da globalização e da sociedade em rede via Internet na formação de identidades contemporâneas.* **Psicologia: ciência e profissão.**

Recuperado em 2 de outubro, 2009. Disponível em:<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932004000400006&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 20 setembro, 2022.

VYGOTSKY, L.S. - **A formação Social da Mente.** 6ª Edição. – Martins Fontes - São Paulo.

WOOD, J. Abordagem centrada na pessoa. **Rev. abordagem gestalt.** vol.20 no.1
Goiânia jun. 2014. Disponível em:<
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672014000100008> Acesso em: 2 novembro, 2021.